

Justino: O Pai do Humanismo Cristão

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Este artigo versa sobre o pensamento de Justino, filósofo e mártir cristão do século II. Descreveremos o seu itinerário espiritual pelas escolas filosóficas (peripatética, pitagórica e estóica) da antiguidade tardia até o seu encontro com o platonismo e a sua conversão ao cristianismo, no qual encontrou a realização do seu ideal de filósofo: buscar Deus, encontrá-Lo e permanecer unido a Ele. Apreciaremos a sua doutrina acerca do logos; segundo a mesma, Cristo – Logos total – teria iluminado os filósofos de antanho. De acordo com esta concepção, os filósofos da antiguidade teriam possuído parcialmente o logos, mediante “razões seminais”. Por esta participação, teriam chegado a conhecer certas verdades concernentes a Deus e aos costumes, o que fez com que muitos deles vivessem uma vida de acordo com a virtude, merecendo assim o epíteto de “cristãos antes de Cristo”. Ainda segundo Justino, isto os tornaria ancestrais dos cristãos e faria com que as doutrinas verazes por eles esposadas pertencessem aos cristãos que vivem em conformidade com o Verbo total, revelado em Cristo, Verbo Encarnado. Então, os seus seguidores, se quiserem permanecer fiéis a eles, devem aderir ao cristianismo, onde se encontra a plenitude do *Logos*. Após considerarmos estes aspectos do pensamento de Justino, teceremos os comentários finais sobre o texto, onde concluiremos ser o nosso filósofo o pai do humanismo cristão e iniciador de uma cristianização da história da humanidade.

Passemos a considerar o itinerário de Justino pelas escolas filosóficas da era imperial até a descoberta do platonismo.

1. Itinerário espiritual de Justino: A filosofia e as escolas filosóficas

Justino – filósofo e mártir – nasceu no primeiro quartel do século II, em Siquém, região da Samaria. Apaixonado pela filosofia, converteu-se ao cristianismo em Éfeso, ao desiludir-se com o platonismo. Dos apologistas, é o que mais interessa à filosofia. Seu mais famoso discípulo, Taciano, designou-o com o epíteto de *mestre admirabilíssimo*. Na verdade, Justino nunca depôs a toga de filósofo; com efeito, mesmo quando pregava a palavra de Deus, acercava-se da reflexão filosófica. Fundou escola em Roma, onde também derramou o seu sangue por Cristo entre os anos 163 e 167.

Para Justino, a filosofia tem um só fim, qual seja, conduzir-nos a Deus e a Ele nos unir.¹ Por isso, os que se dedicaram a ela com afinco, foram santos², pois o que é a santidade senão estar-se unido a Deus? Contudo, importa observar que este fim nobre e supremo da filosofia, nem sempre foi reconhecido pelas escolas. Com efeito, nem platônicos, nem pitagóricos e nem os estóicos conseguem dizer a mesma coisa acerca do que seja a filosofia e de qual seja o seu fim. Aliás, a própria existência das diversas escolas filosóficas assinala uma incoerência, já que a filosofia é uma única ciência, que possui também um único fim.³

Justino falava por experiência própria. De fato, ele havia-se colocado sob a orientação de um *estóico* por bastante tempo, mas este não o encaminhou para Deus.⁴ Depois, admirado pela sabedoria de um *peripatético*, dele tornou-se discípulo. Porém, este não conseguiu dar-lhe o que buscava, vindo, inclusive, a cobrar-lhe honorários, o que também contribuiu para que Justino dele se afastasse.⁵ Procurou, ademais, um pitagórico, que se lhe afigurava ser um homem mui bem conceituado. No entanto, quando Justino manifestou-lhe o desejo de ser seu discípulo, tal homem exigiu-lhe erudição em tantas ciências (música, astronomia e

¹ JUSTINO. *Diálogo com Trifão*. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. 2, 1: “De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa.”

² *Idem. Ibidem*: “Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria inteligência.”

³ *Idem. Ibidem*: “No entanto, o que seja a filosofia e o motivo pelo qual ela foi enviada aos homens muitos o ignoram, pois do contrário não existiriam platônicos, nem estóicos, nem pitagóricos, sendo ela uma única ciência.”

⁴ *Idem. Ibidem*. 2, 3: “Eu mesmo, no início, desejando também reunir-me com algum deles, coloquei-me nas mãos de um estóico e passei bastante tempo com ele.”

⁵ *Idem. Ibidem*: “Então separei-me dele e dirigi-me a outro, um peripatético, que acreditava ser homem perspicaz. Este me suportou bem nos primeiros dias, mas logo deu-me a entender que deveríamos fixar honorários (...)”.

geometria), que Justino, pensando no tempo que levaria para versar-se nessas ciências, deixou-o sem pesar.⁶

Passemos a considerar o encontro de Justino com o platonismo.

2. *O encontro com a filosofia platônica*

Por fim, Justino foi conversar com os platônicos. Ora, ao encontrar-se com um mestre notável desta escola, chegou a pensar que havia descoberto a verdadeira filosofia, pois ficou impressionado com a espiritualidade da filosofia platônica; a contemplação do mundo das ideias deixava-o fascinado. Parecia que, enfim, havia-se tornado um sábio, encontrado a verdadeira sabedoria; esperava, destarte, contemplar o próprio Deus. Para Justino, o platonismo e o cristianismo eram correlatos. Para ele, contemplar Deus era a meta da filosofia de Platão. A respeito deste encontro entusiasta com o platonismo, ouçamos como no-lo descreve o próprio Justino:

Eu me exaltava principalmente com a consideração do incorpóreo. A contemplação das idéias dava asas à minha inteligência. Eu imaginava ter-me tornado sábio num átimo, e minha estupidez fazia-me esperar que, de um momento para o outro, contemplaria o próprio Deus. Com efeito, esta é a meta da filosofia de Platão.⁷

Passemos a considerar a conversão de Justino ao cristianismo.

3. *Do platonismo ao cristianismo*

Agora bem, com a filosofia platônica, o nosso filósofo ganhou novo ânimo, tanto que houve por bem isolar-se para contemplar o caminho a Deus que esta filosofia parecia-lhe haver aberto. Longe dos homens, num momento de solidão, encontrou um ancião que lhe

⁶ *Idem. Ibidem. 2, 5.* “(...) considerando o tempo que eu deveria gastar naquelas disciplinas, não sofri em deixá-lo por causa de tão grande prazo.”

⁷ *Idem. Ibidem. 2, 6.*

perguntou qual era o seu conceito de filosofia, ao que Justino respondeu: *a filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade*.⁸ O ancião questionou-o também acerca de Deus, pelo que Justino lhe disse *que Deus é aquele que é sempre o mesmo, invariável e causa de todos os seres*.⁹ Continuava a arguir-lhe o velho: como podem os filósofos conseguir alcançar algo de verdadeiro sobre Deus se não o viram nem o ouviram?¹⁰ Justino, ante esta terceira pergunta, assegurou-lhe ter Platão dito existir em nós um *olho espiritual* pelo qual vemos a Deus, visto existir certo parentesco entre a nossa alma e Deus. Acrescentou, ademais, que, para aquele que quer conhecer a Deus, mister é purificar-se e levar uma vida virtuosa.¹¹

Ora bem, aqui ocorre uma reviravolta no diálogo: de simples ouvinte, o velho de aparência branda começou a impugnar certas teses de Justino e do platonismo. Disse-lhe que não existe verdadeiro parentesco entre a alma humana e Deus. Demonstrou-lhe, ademais, a inconsistência da doutrina da transmigração das almas (*metempsicose*). Provou-lhe, além disso, que a imortalidade da alma do homem não é da mesma natureza da de Deus, pois Deus é incriado e a alma é criada por Deus.¹² Destarte, Justino viu-se persuadido por seu interlocutor e questionou-lhe onde então se deve buscar a verdade e a quem se deve tomar por mestre.¹³

Depois de toda uma dialética que consistiu em desarticular o discurso do platonismo, o velho indicou-lhe o que lhe parecia ser o único caminho que conduz à verdade: antes que existissem todos estes filósofos – disse-lhe o ancião –, homens inspirados pelo espírito divino e amigos de Deus, predisseram um futuro que hoje se realiza, nós os chamamos profetas.¹⁴ De resto, estes homens foram testemunhas fidedignas do que anunciaram, pelo que os seus

⁸ *Idem. Ibidem.* 3, 4: “Filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade (...)”.

⁹ *Idem. Ibidem.* 3, 5: “Deus é aquele que é sempre encontrado do mesmo modo. Ele é invariável e também a causa do ser de todos os outros seres.”

¹⁰ *Idem. Ibidem.* 3, 7: “Então como os filósofos entendem ou falam corretamente sobre Deus se não têm ciência dele, pois não o viram, nem jamais o ouviram?”

¹¹ *Idem. Ibidem.* 3, 8: “Platão, de fato, afirma que assim é o olho da inteligência, e que ela nos foi dada exatamente para contemplar com ele, por ser olho puro e simples, aquele mesmo que é causa de tudo o que é inteligível (...) que é o próprio ser, indizível e inexplicável, além de toda a essência, o único belo e bom que aparece imediatamente nas almas de excelente natureza, por aquilo que tem de semelhante a ele e por seu desejo de contemplá-lo.”

¹² BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 27: “O ancião impugna a existência de um parentesco entre Deus e a alma humana; tampouco é verdade que esta seja algo de divino, ou uma parte do espírito divino. Demonstra a incoerência da doutrina da metempsicose e prova que a alma, não menos que o mundo e o corpo, têm um início de sua existência, e portanto sua imortalidade não é igual à de Deus.”

¹³ JUSTINO. **Diálogo com Trifão**. 7, 1: “Então, a quem vamos tomar como mestre ou de quem poderemos tirar algum proveito, se nem mesmo neste se encontra a verdade?”

¹⁴ *Idem. Ibidem*: “Há muito tempo, existiam alguns homens mais antigos que todos estes considerados filósofos, homens bem-aventurados, justos e amigos de Deus, que falaram inspirados pelo espírito divino e, divinamente inspirados, predisseram o futuro que está se cumprindo exatamente agora. São os chamados profetas.”

discursos dispensam demonstrações e argumentos.¹⁵ Desta sorte, o que escreveram permanece até hoje e aqueles que os leem, e a eles aderem, adquirem mais sabedoria a respeito das questões que um filósofo deve saber do que nos ensinamentos dos próprios filósofos.¹⁶ De fato, os milagres que os profetas fizeram, bem como o cumprimento integral daquilo que disseram, obrigam-nos a assentir às suas palavras. Agora bem, uma das coisas que anunciaram é a Jesus Cristo, que procede do Pai.¹⁷ Entretanto, compreender estas coisas é possível tão somente àquele a quem Deus e Jesus Cristo concederem. A Justino, por fim, o ancião recomendou a súplica, para que também a ele seja conferida a luz necessária, que o fará compreender tão grandes mistérios.¹⁸

Chegamos aqui a uma linha divisória no diálogo e na própria *história da filosofia*. Após estas recomendações, o ancião parte, e Justino não o vê mais. Neste momento, Justino é tomado por um ardente amor pelos profetas e amigos de Cristo. Reflete acerca das palavras que ouvira e conclui que finalmente havia descoberto a verdadeira filosofia, e tinha-se tornado, enfim, um filósofo. Além do mais, deseja que todos façam a mesma experiência.¹⁹ Como acentua Gilson, este trecho do *Diálogo com Trifão* tem uma importância capital para a história da filosofia, porque nele podemos ver que a religião cristã, desde as suas origens, sempre reivindicou para si o título de verdadeira filosofia. Isto significa, antes de tudo, que, para os cristãos primitivos, os problemas que os filósofos levantavam, eles mesmos não foram capazes de resolver adequadamente. Na verdade, para aqueles cristãos, era a religião cristã, fundada na fé de uma revelação divina, a única que conseguiria resolver os problemas levantados pela própria filosofia. Daí que o cristão, pelo simples fato de sê-lo, é filósofo.²⁰

¹⁵ *Idem. Ibidem.* 7, 2: “Com efeito, eles nunca fizeram seus discursos com demonstração, pois eles são testemunhas fidedignas da verdade, acima de toda demonstração.”

¹⁶ *Idem. Ibidem:* “Seus escritos se conservam ainda hoje, e quem os lê e neles acredita pode tirar o maior proveito nas questões a respeito do princípio e fim das coisas e sobre aquelas coisas que o filósofo deve saber.”

¹⁷ *Idem. Ibidem:* “Além disso, os acontecimentos passados e os atuais obrigam-nos a aderir às suas palavras. É justo crer neles também pelos milagres que faziam, pois mediante eles glorificavam a Deus criador e pai do universo, e anunciavam a Cristo, seu filho, que dele procede.”

¹⁸ *Idem. Ibidem:* “Quanto a ti, antes de tudo, roga que as portas da luz te sejam abertas, pois estas coisas nem todos as podem ver e compreender, a não ser aqueles a quem Deus e seu Cristo concedem o dom de compreender.”

¹⁹ *Idem. Ibidem.* 8, 1 e 2: “Refletindo comigo mesmo sobre os raciocínios do ancião, cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa. Desse modo, portanto, e por esses motivos, sou filósofo, e desejaria que todos os homens, com o mesmo empenho que eu, seguissem a doutrina do salvador.”

²⁰ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 4 e 5: “Esse texto do *Diálogo com Trifão* é de uma importância capital, por nos mostrar, num caso concreto e historicamente observável, como a religião cristã pôde assimilar imediatamente um domínio reivindicado até então pelos filósofos. É que o cristianismo oferecia uma nova solução para problemas que os próprios filósofos tinham levantado. Uma religião baseada na fé numa revelação divina mostrava-se capaz de resolver os problemas filosóficos melhor que a própria filosofia; seus discípulos tinham, portanto, o direito de reivindicar o

Philotheus Boehner salienta outro aspecto de grande importância no texto. Parece que, para Justino, o objetivo da filosofia, bem como os problemas por ela ventilados, são idênticos ao objetivo e ao fim da própria religião cristã. Ocorre, porém, que o caráter religioso das questões levantadas pela filosofia grega, era-lhe inacessível e isto por se tratar de coisas que ultrapassam a razão humana. De maneira que tudo converge para um dilema: ou a filosofia tem um objeto que lhe seja acessível e, por isso, não lhe caiba indagar sobre questões de natureza religiosa ou, simplesmente, o seu fim é religioso e, neste caso, chegará o momento em que terá que “passar o bastão” para a religião cristã, na qual se encontra o fim da própria filosofia. Agora bem, Philotheus estima que seja neste último sentido que Justino entende a filosofia e seria isto que justificaria a sua estranha afirmação de que se havia tornado filósofo ao se fazer cristão.²¹ Não obstante, esta solução, que parece reduzir a verdadeira filosofia ao cristianismo, apresenta sérias dificuldades. Que pensar então dos filósofos que viveram antes de Cristo? Devemos condená-los por haverem ignorado a revelação?

Passemos à consideração do “humanismo cristão” de Justino, desenvolvido através da doutrina do logos.

4. O “humanismo cristão” de Justino: a doutrina do Logos

A solução que Justino apresenta para este problema se encontra na doutrina que ele mesmo cunha, segundo a qual os seus mestres gregos, ou seja, aqueles que o haviam levado ao limiar do cristianismo, tiveram uma *participação* no Verbo. Com tal doutrina, Justino tornava-se o fundador do “humanismo cristão”.²² É que para ele, houve uma *revelação*

título de filósofos e, como se tratava da religião cristã, de declarar-se filósofos pelo simples fato de serem cristãos.”

²¹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 28: “Justino está ciente de que os problemas ventilados pela sabedoria grega são idênticos àqueles que são levantados e solucionados pelo cristianismo (...) Sabe igualmente que ao aspirar a um objetivo religioso, a filosofia sincretista dos gregos criou para si um problema insolúvel, posto que superior às forças da razão humana. Com efeito, ou a filosofia visa a um objetivo que lhe é proporcionado e acessível, o qual por isso mesmo não poderá ser de natureza religiosa, ou o seu objetivo é de caráter propriamente religioso, e nesse caso será necessário transcender a filosofia meramente natural e adotar a religião cristã, à qual se há de reservar, por conseguinte, o nome de filosofia. E é este, precisamente, o sentido que Justino empresta à filosofia. Assim se justifica a conclusão aparentemente contraditória, ou melhor, a conclusão dialética (...) de que a conversão o transformou num verdadeiro filósofo.”

²² *Idem. Ibidem*. p. 29: “No intuito de assegurar-lhes (aos mestres gregos) um lugar no seio do cristianismo, Justino elabora a sua doutrina da participação dos gregos no Verbo, ou Cristo, tornando-se assim o fundador do humanismo cristão.”

universal do Verbo, que antecedeu à própria Encarnação.²³ Agora bem, para explicar esta doutrina, o nosso filósofo usa duas expressões: *Verbo total* e *verbo parcial*. Os cristãos participam do *Verbo total*, que é Cristo. Já os pagãos tiveram apenas uma *participação parcial* no Verbo.²⁴ Ora, Justino designa esta *participação no parcial* no verbo, por uma expressão de origem estóica: “semente do Verbo”²⁵. Assim, a *participação parcial* no Verbo que os filósofos de antanho tiveram, ao mesmo tempo que os credencia a serem chamados de cristãos antes de Cristo, encaminha os seus seguidores a aderirem ao *Logos total* dos cristãos, porque a semente tende a tornar-se fruto maduro.²⁶

Para Justino, os pagãos têm esta participação no Verbo de duas maneiras: *imediate* e *mediata*. Ele não esclarece, em seus pormenores, o que seja a *iluminação imediata*. Pode-se, então, conjecturar a partir dos seus textos, que tal iluminação consistiria: seja no *reto uso* da razão, seja, ainda, numa *iluminação* propriamente dita.²⁷ Na *Primeira Apologia*, Justino diz que a *participação mediata* seria aquela pela qual Platão teria recolhido das *doutrinas mosaicas* o que ele disse a respeito de Deus e da criação.²⁸ Neste sentido, Justino atribui à influência de Moisés, o que Platão disse no *Timeu* acerca do Filho de Deus: “O que Platão, explicando a criação, diz no *Timeu* sobre o Filho de Deus: ‘Deu-lhe a forma de X do universo’, ele o tomou de Moisés”²⁹.

Seguindo esta linha, Justino diz que os filósofos e legisladores, devido à participação no Verbo que lhes coube, descobriram certo número de verdades através da inquirição e da intuição. Portanto, toda a verdade que eles disseram se deve a esta participação que tiveram no Verbo. Contudo, eles não possuíram o Verbo inteiro, que é Cristo, e a prova disto é que muitos deles se contradisseram acerca das mesmas questões.³⁰ Sócrates, Platão, estóicos,

²³ GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 5 “ Há, pois, uma revelação universal do Verbo divino, anterior à que se produziu quando o mesmo Verbo se fez carne.”

²⁴ BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 29: “Justino admite, sem hesitar, que os antigos filósofos que conheceram e praticaram a verdade, tais como Platão e os estóicos, tiveram parte no Logos; contudo, eles não O possuíram integralmente. O Logos total aparece em Cristo, ao passo que aqueles filósofos possuíram-no apenas germinalmente ou em parte.”

²⁵ *Idem. Ibidem*. p. 30: “Para designar este Logos parcial, comunicado aos filósofos, Justino serve-se de uma expressão dos estóicos: trata-se de um ‘germe’ ou de uma semente do Logos. Este germe ou semente do Logos está presente em todos os homens.”

²⁶ *Idem. Ibidem*: “Como a semente está para o fruto maduro, assim o Logos dado aos pagãos está para o Logos integral manifestado em Cristo”

²⁷ *Idem. Ibidem*: “Justino não nos esclarece sobre o que entende por participação imediata. Poder-se-ia tomá-la, talvez, no sentido de um uso acertado da razão natural; talvez pensasse também numa espécie de iluminação, embora não o declare expressamente.”

²⁸ JUSTINO. *I Apologia*. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995. 59, 1: “De nossos mestres também, isto é, do Verbo que falou pelos profetas, Platão tomou o que disse sobre Deus ter criado o mundo, transformando uma matéria informe.”

²⁹ *Idem. Ibidem*. 60, 1.

legisladores e poetas não podem, desta feita, ser comparados a Cristo ou aos cristãos, pois o que de verdade eles disseram foi pela “virtude seminal” do Verbo que receberam.³¹ Destarte, dado que o Verbo inteiro manifestou-se somente aos cristãos, é a eles que pertence tudo o que de certo e salutar disseram aqueles que conheceram somente as “sementes do Verbo”.³² Nosso filósofo, frisa Philotheus, é aquele que, pela primeira vez na história, reivindica ao cristianismo o *patrimônio espiritual da cultura antiga*.³³

Assim como participam da mesma sabedoria, uns parcial outros totalmente, também compartilham dos mesmos sofrimentos. Por conseguinte, urge compreender, de acordo com Justino, que foram os demônios, inimigos do Verbo, que insuflaram os homens contra aqueles que, de algum modo, ao conhecerem em parte o Verbo, viveram conforme Ele.³⁴ Sendo assim, se os demônios perseguiram mesmo aqueles que tiveram apenas um acordo parcial com o Verbo, não se deve admirar que queiram infligir males ainda maiores aos que se associaram ao Verbo total, que é Cristo.³⁵ Não somente isto. Ainda segundo o nosso apologista, os demônios teriam criado ou inspirado a *mitologia grega*, a fim de desviar as mentes dos homens da verdade que estava sendo anunciada pelos profetas. Segundo Justino, os demônios queriam fazer com que os homens cressem que, tanto quanto a mitologia, as profecias também eram fábulas estapafúrdias.³⁶

Passemos às considerações finais deste trabalho.

³⁰ JUSTINO. **II Apologia**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995. 10,2: “Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles freqüentemente se contradisseram uns aos outros.”

³¹ *Idem. Ibidem.* 13, 3: “De fato, cada um falou bem, vendo o que tinha afinidade com ele, pela parte que lhe coube no Verbo seminal divino.”

³² *Idem. Ibidem.* 13, 4: “Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável.”

³³ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 31: “Em Justino, o cristianismo reivindica para si, pela vez primeira, o direito de herança à cultura antiga (...)”.

³⁴ JUSTINO. **II Apologia**. 8, 2: “Com efeito, como já notamos, os demônios sempre se empenharam em tornar odiosos aqueles que, de algum modo, quiseram viver conforme o Verbo e fugir da maldade.”

³⁵ *Idem. Ibidem.* 8, 3: “Portanto, não é de se admirar se eles, desmascarados, procuram também tornar odiosos, e com mais empenho ainda, àqueles que não vivem apenas de acordo com uma parte do Verbo seminal, mas conforme o conhecimento e contemplação do Verbo total, que é Cristo.”

³⁶ JUSTINO. **I Apologia**. 54, 1 e 2: “Ao contrário, os que ensinam os mitos inventados pelos poetas não podem oferecer nenhuma prova aos jovens que os aprendem de cor. E nós demonstramos que foram ditos por obra dos demônios perversos, para enganar e extraviar o gênero humano. Com efeito, ouvindo os profetas anunciarem que Cristo viria e que os homens ímpios seriam castigados através do fogo, colocaram na frente muitos que se disseram filhos de Zeus, crendo que assim conseguiriam que os homens considerassem as coisas a respeito de Cristo como um conto de fada, semelhante ao contados pelos poetas.”

Conclusão

A partir desta perspectiva de Justino, podemos dizer que, aqueles que viveram segundo o Verbo, inclusive antes da Encarnação, foram cristãos, e no rol destes, estão: Sócrates, Heráclito e tantos outros.³⁷ Do mesmo modo, os que antes de Cristo viveram dissolutamente, são ímpios e inimigos de Cristo e dos cristãos.³⁸ Desta sorte, vemos começar em Justino, uma verdadeira *chave de interpretação cristã da história* ou uma *teologia cristã da história*. Nela, fica atestada a existência de uma *comunidade espiritual de discípulos e seguidores de Cristo* ao longo de toda a *história da humanidade*: já no seio daqueles que tiveram somente uma *participação parcial* no Verbo, já na *sociedade* daqueles que conheceram e aderiram ao Verbo Encarnado.³⁹ E o critério para sabermos quais os partícipes desta *comunidade*, é a abnegação ou o altruísmo com que viveram de acordo com o quinhão de verdade que conheceram.

³⁷ *Idem. Ibidem.* 46, 3: “Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, (...) como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes (...).”

³⁸ *Idem. Ibidem.* 46, 4: “De modo que também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão (...).”

³⁹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. pp. 30 e 31: “A comunidade cristã, formada pela participação, quer parcial, quer total, no mesmo Logos, existiu pois em todo o curso da história. Destarte a história da filosofia vai ter, muito naturalmente, na história do cristianismo. E assim vemos imergir, desde Justino, os primeiros lineamentos, débeis ainda, mas já bem perceptíveis, de uma filosofia da história (...).”

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 25 a 32.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 2 a 8.

JUSTINO. **I Apologia.** 2^a ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995.

_____. **II Apologia.** 2^a ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995.

_____. **Diálogo com Trifão.** 2^a ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995.